

Eleições no Brasil

Filipe Romão . IEEI

Contrariando uma boa parte das previsões eleitorais, o presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, não foi eleito na primeira volta das eleições presidenciais, que se realizou no dia 1 de Outubro. Com 48,61% dos votos expressos, Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT), vê-se forçado a ir a uma segunda volta, que irá decorrer no próximo dia 29 de Outubro, com Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que obteve 41,6% dos votos.

Além destes dois candidatos, concorreram Heloísa Helena, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), uma dissidente do PT; Cristovam Buarque, antigo ministro da educação do governo Lula, do Partido Democrático Trabalhista (PDT); Ana Maria Rangel, do Partido Republicano Progressista (PRP); José Maria Eymael, do Partido Social Democrata Cristão (PSDC); Luciano Bivar, do Partido Social Liberal (PSL); e Rui Costa Pimenta, do Partido da Causa Operária (PCO).

As campanhas eleitorais

A campanha eleitoral para a primeira volta foi marcada pelos escândalos em torno de Lula da Silva e do PT. Alguns dirigentes do partido do Presidente foram acusados, em plena campanha, de tentar comprar um [dossier](#) com provas do envolvimento de José Serra (figura proeminente do PSDB, derrotado por Lula nas presidenciais de 2002, prefeito cessante de São Paulo e entretanto eleito governador do Estado paulista) num caso de [venda fraudulenta de ambulâncias](#) a diversos municípios brasileiros.

Os escândalos não são uma novidade para Lula, cuja segunda parte do primeiro mandato foi marcada pelo envolvimento de dirigentes do PT e de membros do seu governo em actividades ilícitas, como o já bem conhecido [«mensalão»](#).

Alckmin e o PSDB procuraram tirar o máximo partido desta situação, centrando mais a sua campanha na questão da honestidade de Lula do que no debate de propostas governamentais. Associado a isto, o facto de Lula, na última semana de campanha, se ter recusado a participar num debate, na Rede Globo (canal de televisão com mais audiência no Brasil), com todos os candidatos, parece ter sido, de acordo com os estudos de opinião, o que mais contribuiu para que o presidente brasileiro não tenha conseguido obter a maioria de que necessitava para ser eleito na primeira volta.

Luís Inácio Lula da Silva parece ter aprendido a lição, optando por participar nos quatro debates para a segunda volta. No primeiro, e único que já se realizou, no passado dia 8, Lula foi aparentemente surpreendido pelo registo agressivo de Alckmin, que levou a cabo um ataque cerrado ao presidente, lançando-lhe inúmeras questões acerca de tudo o que está por explicar nos escândalos em que a sua campanha e o seu governo estão supostamente envolvidos. O presidente brasileiro manteve uma postura mais defensiva, mas recuperou na segunda parte do debate, lembrando processos que envolveram a administração do Estado de São Paulo, enquanto Alckmin foi governador.

Lula, aparentemente, conseguirá vencer as eleições. Desde o início da campanha para a segunda volta que a totalidade das [sondagens](#) o dão como vencedor. A sua campanha apresenta-se mesmo em crescendo, nalguns dos [mais recentes estudos de opinião](#), que

prevêem uma reeleição com valores próximos dos 60% dos votos expressos, contra os cerca de 40% de Alckmin. No entanto, numa campanha marcada por casos polêmicos, e quando ainda faltam três debates televisivos, nada é dado como garantido – sobretudo tendo em consideração a surpresa que foi a primeira volta.

Eleições legislativas

Paralelamente à primeira volta das presidenciais, disputaram-se eleições para as duas câmaras do parlamento federal (Câmara dos Deputados e Senado Federal) e para as câmaras de deputados e governador dos estados, o que, a par dos inúmeros partidos políticos com representatividade, muito voláteis ideologicamente, espelha o complicado sistema político-partidário brasileiro.

O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) foi o que obteve o maior número de [eleitos](#) para a Câmara dos Deputados, 89, seguido do PT, com 83, e do PSDB e do Partido da Frente Liberal (PFL) com 65 cada um. Há mais 17 partidos com representação nesta câmara. No Senado, o PFL conseguiu fazer eleger 18 senadores; o PMDB e o PSDB 15 eleitos cada um; e o PT ficou-se pelos 11. Há mais nove partidos com representação no Senado. Ao longo da legislatura é usual haver migrações de representantes, o que leva a que seja frequente os partidos acabarem a legislatura com um número de membros nas suas bancadas diferente do número com que começaram.

O sistema político-partidário

Nominalmente, a maioria dos partidos políticos brasileiros são de esquerda, no entanto, na prática, o sistema acaba por se alinhar da seguinte forma: à direita, o Partido da Frente Liberal (herdeiro do ARENA, partido político de apoio ao regime, durante a ditadura militar dos anos 70 e 80); ao centro, o Partido da Social Democracia Brasileira, que constituiu a base de apoio ao governo de oito anos de Fernando Henrique Cardoso, e o PMDB (tem por base o Movimento Democrático Brasileiro, associação política de oposição consentida durante a ditadura militar), uma formação política muito grande, mas sem uma linha ideológica vincada; e à esquerda o PT do presidente Lula, que tem como aliado principal o Partido Comunista do Brasil (PC do B). Também se situam à esquerda inúmeras formações políticas que se opõem ao governo Lula, como os dissidentes do PSOL, o Partido Popular Socialista (antigo Partido Comunista Brasileiro), o Partido Socialista Brasileiro ou o Partido Democrático dos Trabalhadores, entre outros. O Partido Republicano Brasileiro (PRB), bastante forte entre a população evangélica, apoia Lula da Silva.

A conjugação entre um sistema eleitoral uninominal e a existência de um grande número de partidos gera uma situação aparentemente confusa e em que a ideologia parece contar pouco. Só assim se explica que um antigo partido comunista, como o PPS, alinhe, ainda que informalmente, ao lado do PFL, descendente do partido governamental da ditadura militar, no apoio dado a Alckmin. Ao mesmo tempo, Lula tem o apoio de figuras do próprio PFL, como é o caso de Roseana Sarney, filha do antigo presidente José Sarney e governadora do estado do Maranhão.